

O QUE PODE O PRAZER? A REINVENÇÃO DO HEDONISMO // *WHAT CAN PLEASURE DO? THE REINVENTION OF HEDONISM*

Icaro Ferraz Vidal Junior¹

Université de Perpignan Via Domitia, Perpignan, França

Resumo: O presente ensaio propõe uma breve especulação, estética e filosófica, a partir de dois projetos artísticos contemporâneos que se propõem a articular prazer e política, lançando mão da “festa” como dispositivo. Tais especulações terão como ponto de partida as questões que seguem: quais as diferenças entre o hedonismo crítico contemporâneo e o *desbunde* de outrora? Que glossário artístico/coreográfico poderá nos ajudar a falar de tais ações? Qual é o estatuto dos corpos reunidos nestas festas/performance/rituais? Que forças os atravessam? Que política poderá emergir desta afirmação do prazer?

Palavras-chave: hedonismo, política, performance, festa.

Abstract: This essay proposes an aesthetical and philosophical speculation from the reading of two contemporary artistic projects that articulate pleasure and politics, developing “the party” into a device. Such speculations will have as their starting point the following questions: What are the differences between contemporary critical hedonism and the former ones? What artistic/choreographic glossary can help us to talk and think about such actions? What is the status of the bodies gathered in these parties/performance/rituals? Which are the forces that cross them? What politics can emerge from this affirmation of pleasure?

Keywords: hedonism, politics, performance, party.

*

¹ Icaro Ferraz Vidal Junior é graduado em Estudos de Mídia pela UFF e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Atualmente é doutorando em “Cultural Studies in Literary Interzones” na Université de Perpignan Via Domitia.

Em março de 2016, aconteceu em Barcelona a festa-performance-show “Hedonismo Crítico – reinvenção e reivindicação”, organizada por Mariokissime e R. Marcos Mota, que juntas compõem a *Equipe El Palomar*. Com os recursos obtidos para participarem na exposição “Cuando las líneas son tiempo”, organizada pela Fundação Miró, com a curadoria de Martí Manen, elas decidiram reunir em uma noite cerca de 20 artistas de diferentes proveniências e gerações no espaço da Sala Hiroshima. O nome do evento orientou as intervenções que, mais ou menos interativas, partilhavam a afirmação do corpo como espaço onde convivem simbioticamente prazer e crítica.

Um mês depois, no Rio de Janeiro, o curador José Bernardo de Souza e a artista Susana Guardado davam início às atividades da plataforma “Prazer é Poder”, ativa até hoje. Arte, hedonismo e contracultura vêm sendo investigados através de programas de conversas, performances, eventos artísticos e, sobretudo, festas que ocorrem periodicamente na cidade do Rio de Janeiro, cada edição sendo orquestrada por um diferente grupo de artistas, convidado pelos idealizadores do projeto. Parece tratar-se, mais uma vez, de uma aposta estética, política e epistemológica na potência do caráter disruptivo que emerge quando decidimos viver juntxs.

A centralidade da festa nestes dois projetos artísticos parece testemunhar não somente uma aposta estética que excede a objetualidade da arte – processo que não consistiria em um fenômeno necessariamente novo ou pouco explorado, tendo em vista os cânones que já povoam a história das artes performativas – mas em uma reformulação da noção de participação, que deixa de ser pensada em termos cognitivos para assumir um caráter profundamente corporal e afetivo. Afinal, a festa parece operar por imersão, encurtando ou suprimindo as distâncias entre os corpos, e instaurando esta espécie de

comunidade afetiva temporária. Poderíamos argumentar que esta inflexão na noção de participação, em direção a um maior engajamento corporal da audiência, também não é nova. Afinal, nossa história da arte conta com nomes como Hélio Oiticica e Lygia Clark, pioneiros internacionalmente reconhecidos deste tipo de proposição.

Mas talvez os protocolos de participação fixados por uma festa difiram em grau daqueles fixados pelos neoconcretos ou, ainda, pelos minimalistas americanos. Não se trata aqui, absolutamente, de fazer um juízo de valor ou de hierarquizar tais movimentos. Trata-se, antes, de inserir a festa no solo dinâmico, mas já sedimentado, da cultura; o que inevitavelmente cria um horizonte de expectativa na audiência que difere daquele desencadeado por uma proposição artística que, embora festeje o corpo, esteja inserida em outros sistemas institucionais (o museu, a universidade etc.), também eles instauradores de determinados pactos com seus públicos.

Os dois projetos que mobilizam a escrita deste texto estruturam-se diferentemente e, a seguir, descreveremos cada um deles. Entretanto, a convergência das duas iniciativas nestas páginas justifica-se mais pelo que elas têm em comum do que pelo que as diferencia entre si. Este aspecto comum, que nos interessa explorar, é a revisão que “Hedonismo crítico” e “Prazer é poder” permitem realizar dos vínculos entre prazer e política, restituindo às resistências a possibilidade do prazer como arma sem, no entanto, caírem na ingênua negligência do crescente investimento contemporâneo, econômico, político e institucional, na capitalização das mais variadas formas de gozo.

*

A despeito da heterogeneidade estética e disciplinar dxs artistas reunidos em “Hedonismo Crítico”, o roteiro desta festa-*vaudeville* foi marcado

por uma grande coerência no que diz respeito às proposições de cada umx dxs artistas participantes e ao argumento da *Equipe El Palomar*, enquanto duo artístico e comunidade, para além deste evento pontual. No texto de apresentação da *Equipe El Palomar*, encontramos a seguinte proposição:

Sabemos que bajo el supuesto triunfo de la libertad (ahora más que nunca amenazada) subyacen las formas más refinadas, pero no por ello menos acres y atroces, de homofobia, transfobia, sexismo y racismo. Por ello creemos oportuno incidir desde la radicalidad de un proyecto independiente para actualizar discursos que actualmente se están institucionalizando. El Palomar presenta así, más que un archivo, una fórmula regeneradora de discurso.²

Um percurso pelas ações que integraram “Hedonismo Crítico” atestaria o compromisso das organizadoras do evento com a proposição acima, entretanto, o escopo do presente texto não contempla um gesto de tamanha amplitude. Em vez disso, listaremos adiante algumas ações pontuais que testemunham o eixo crítico deste novo hedonismo, que desdobraremos aqui a partir de duas questões principais: a primeira delas, já aludida na citação acima, consiste no questionamento de um suposto triunfo da liberdade, que viveríamos em nossa época mas que, de fato, entrelaça-se a discursos e práticas que são justamente seu oposto (“homofobia, transfobia, sexismo e racismo”); a segunda relaciona-se à intencional saída do cubo branco da Fundação Miró e à aposta no espaço do teatro e na festa como estratégias estético-políticas.

Marta Echaves (2016) assinala perspicazmente em sua crítica sobre o evento a potência desta saída do asséptico cubo branco para o espaço do teatro que, tradicionalmente associado à “impostura, ao postiço, ao superatuado e ao desmedido”³, poderia quase ser entendido como seu antônimo. No teatro, os excessos e dissonâncias das performances apresentadas parecem atualizar uma espécie de cabaré que, a despeito de todas as tentativas de assimilação pelo

² <http://el-palomar.tumblr.com/post/123922911860>, último acesso em 8 de dezembro de 2017.

³ <http://www.nosotros-art.com/revista/articulos/hedonismo-critico-reinvencion-y-reivindicacion>. Último acesso em 6 de novembro de 2017.

circuito institucional da arte, manteve-se, em alguns momentos da história mais do que em outros, nas franjas da “cultura oficial”.

Optar por não apresentar o projeto comissariado pela Fundação Miró em seu espaço, cuja institucionalidade opera como importante legitimador no interior do sistema de arte, local e internacionalmente, é apostar que a potência de “Hedonismo Crítico” é irreduzível à asséptica gramática expositiva do cubo branco e à monetarização da arte. A festa-*vaudeville* da *Equipe El Palomar* consiste na forma forjada para apresentar de modo coerente a produção dos artistas escalados por Mariokissme e R. Marcos Mota. Não se trata do simples efeito de uma opção por artistas do campo da performance ou de uma mídia neutra, apta a acolher não importa que projetos. Tudo no dispositivo criado para a realização de “Hedonismo Crítico” foi meticulosamente articulado, inclusive a distribuição das intervenções nos espaços do palco, do bar e do banheiro, que acabaram por retirar do teatro este caráter espetacular, que implica um certo nível de passividade do espectador que, sentado e na penumbra, assiste ao desenrolar de uma ação, sem nela intervir.

Ainda no artigo de Echaves, encontra-se formulado um discurso em torno da adjetivação do hedonismo proposto por El Palomar e que constitui o segundo ponto de destaque em nossa análise. Trata-se de um hedonismo **crítico** que não cai, portanto, na armadilha apontada por Michel Foucault no primeiro volume de sua *História da Sexualidade* (2006), de se pensar o investimento do poder sobre os corpos e o sexo exclusivamente a partir de uma lógica repressiva, que oporia prazer e trabalho. Sabemos bem (e se não sabemos ainda, basta olharmos para as imagens das publicidades de perfume de marca) que a mediatização de uma suposta “liberação” sexual pode perfeitamente servir à afirmação das mais perversas lógicas (racista, colonialista, misógina etc.) além, é claro, de ser uma commodity bastante lucrativa.

Mas não há marcha à ré na história e xs artistas reunidos por El Palomar não propuseram uma tábula rasa desta história de colonização do sexo pelo capital. Hedonismo crítico, semente plantada por El Palomar, transformou-se, na noite do dia 13 de março de 2016, através de um trabalho coletivo, em um conceito consistente que pôde ser incorporado (mais do que assimilado por mentes desencarnadas) por quem teve a chance de participar desta festa que será revisitada pelos historiadores do futuro.

Foram 7 horas de diferentes experiências, reunidas nesta espécie de vaudeville *queer* e integradas coerentemente em uma grande festa, que mostrou ser possível, teórica e praticamente, um hedonismo crítico. Guiadx por Regina Fiz, iniciamos os trabalhos entrando debaixo da saia barroca de Hotel Butterfly, fizemos twerking para a revolução com Raissa Maudit, entramos em transe com Andrés Senra, aprendemos a hackear objetos para o prazer anal com o “palomo cojo” de Paquito Nogales, descobrimos o potencial do cu como espaço expositivo com María Perkances e Jordi Flekos, dançamos um funk lacrate com Pêdra Costa, entre muitas outras coisas.

Estas modulações afetivas e cognitivas foram orquestradas através de um roteiro que não poupou o espectador do século XXI de experimentar novamente a sensação produzida pelos choques perceptivos que marcaram o começo do século XX, como Walter Benjamin (1994) pioneiramente diagnosticara. A reinvenção e reivindicação do corpo e do prazer por “Hedonismo Crítico” é inseparável desta economia perceptiva que, instaurada pela festa e pelo cabaré, afasta-se de um regime no qual nos engajamos em um “entendimento” do que se passa diante de nossos olhos. Em “Hedonismo Crítico” aprende-se mais com o *tesão*, do que com atenção.

*

O “marco-zero” de “Prazer é poder” pode ser localizado, segundo seus idealizadores, no ano de 2015, precisamente na abertura da exposição “A mão negativa”, com curadoria de José Bernardo de Souza, no Parque Lage, onde uma festa integrava a seleção de projetos que compunham a exposição. Não se tratava, portanto, de uma simples festa de abertura, exterior à exposição, mas de uma festa que era parte (fundamental, eu diria) da mostra. Este gesto já lançava as bases para uma reflexão sobre a festa como espaço de experimentação artística e política. Mas aqui, a noção de política deve ser pensada como experiência que se dá nos corpos e através deles, como o texto de José Bernardo de Souza parece indicar.

Talvez seja a festa o ritual contemporâneo mais próximo às celebrações religiosas coletivas e tribais. Mas que Deus seria esse a enaltecer os egos e afagar as almas numa pista hedonista, despropositada, inconsequente e subversiva? Pode a música e a dança nas pistas constituírem uma manifestação política transgressora? Seriam os desvairados, junkies (non stop), massa de manobra alienada ou criaturas que se recusam a aderir ao tempo marcado no relógio, desafiando o status quo, recusando o mundo do trabalho ao passo em que promovem uma marcha contra nada e a favor de todos que queiram bailar. Como diria Robert Filliou: I hate work which is not play! And here we go, like horses, galopando pelo Parque Lage aos pés do Cristo Redentor, experimentando o corpo, o prazer extenuante que diz sim ao suor coletivo, à libido, à dança - aquilo que de mais primitivo restou na arte. Parafraseando Caetano: ... e Pelé disse love, love, love...⁴

Em 2016, “Prazer é Poder” diversifica suas ações ocupando o espaço do Despina, na Praça Tiradentes, no centro da cidade do Rio de Janeiro, com uma série de debates e eventos artísticos, mas a festa nunca mais será abandonada pela iniciativa enquanto o contexto privilegiado para testar a ideia, já formulada em 2015, do “despropósito” hedonista como um “não” às atuais configurações do modo de produção capitalista que hoje investe pesadamente em toda sorte de experiências, tentando convertê-las em trabalho produtivo.

⁴ https://www.facebook.com/pg/prazerepoder/about/?ref=page_internal, último acesso em 8 de dezembro de 2017.

Podemos nos arriscar a dizer que os cenários social, político e econômico contemporâneos, marcados por uma grande desesperança e pelo declínio de utopias coletivamente partilhadas é o revés – jamais a causa –, desta aposta nos “instintos vitais ou mesmo [nas] pulsões opostas”⁵ como foco de potencia criativa. Pois há um nível que nunca esteve, de fato, ausente da política; mas que raramente foi objeto de maiores problematizações desde seu interior. Este nível consiste precisamente nos corpos da política, irredutíveis a toda lógica representacional que estrutura nossas democracias capengas. Tal irredutibilidade encontra parte de sua explicação nos fluxos libidinais, intransferíveis, que se encontram na gênese da tessitura de uma comunidade.

*

A aposta na festa parece viabilizar, em “Prazer é Poder” como em “Hedonismo Crítico”, um olhar para a potência destes corpos e para a positividade deste desejo⁶, não como os restos de um mundo que não deu certo, mas como um excesso inesgotável, dionisíaco, a tencionar e abalar a estruturas que vêm organizar os corpos e o tempo de cada um em nome de um projeto de civilização de cuja escrita não participamos.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **L'Anti-Œdipe. Capitalisme et schizophrénie 1**. Paris : Les Éditions de Minuit, 1972.

⁵ https://www.facebook.com/pg/prazerepoder/about/?ref=page_internal, último acesso em 8 de dezembro de 2017.

⁶ DELEUZE e GUATTARI, 1972

ECHAVES, Marta. **Hedonismo crítico. Reinención y Reivindicación.** In: Nosotros. Site. Publicado em 23 de março de 2016. Disponível em: <http://www.nosotros-art.com/revista/articulos/hedonismo-critico-reinencion-y-reivindicacion>. Último acesso em 6 de novembro de 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.